

O CAFÉ DA GUIA

Os Bois da Páscoa



José de Azevedo

A Santa Casa da Misericórdia realizou na tarde de domingo, 21 de Março, a "Procissão dos Passos". Com essa cerimónia a Póvoa dava início à sua quadra pascal. Diz-se "sua" porque é rica em tradições seculares, a maioria de carácter religioso e algumas profanas. Lembremos a Procissão do "Senhor da Cana Verde", conhecida pela procissão dos "Fogaréis" ou das "lanternas", no sábado anterior à "Procissão dos Passos", hoje, infelizmente, uma procissão sem lanternas por falta de aderentes. Recordemos ainda a "Visita às Igrejas", amanhã, Quinta-feira Santa: um ritual entranhado nos costumes da gente da Póvoa que percorre as suas nove igrejas num fervoroso testemunho de fé. O povo procura encontrar nos templos quadros bíblicos representando cenas da vida do Senhor, muito embora alguns optem pela decoração com flores ou símbolos da igreja. A minha afeição vai para a capelinha de Nova Sintra que, todos os anos, encena ao vivo a crucificação de Jesus, representada por actores-amadores do bairro, que também se encarregam dos diálogos, efeitos sonoros e de luz.

Tradicional na Quinta-Feira Santa justo é recordar o "Passeio dos Bois da Páscoa", um curioso costume profano de que falaremos adiante. Na noite de Sexta-feira Santa tem lugar a "Procissão do Senhor Morto", a partir da Igreja Matriz. Acrescentemos a "Bênção dos Ramos", o "Sábado de Aleluia", o "Domingo de Páscoa", a "Segunda-Feira do Anjo" e o jogo da pela.

O "PASSEIO DOS BOIS"

O meu costume preferido da Semana-Santa, que o tempo apagou e que trazia uma multidão às ruas da Póvoa, era o "Passeio dos Bois da Páscoa". Não se sabe bem como tudo começou, mas consta que, pouco tempo depois da esquadra de D. Pedro V desembarcar em Mindelo, Vila do Conde, a 8 de Julho de 1832, o jovem Timóteo Barbosa, miguelista assanhado, a residir em S. Martinho do Campo, Valongo, resolveu abalar para a Póvoa de Varzim, onde acabaria por casar com a poveira Maria da Conceição. Do casamento nasceram oito filhos: João Ferreira Barbosa, Manuel, António, Benjamim, Pedro, Ana, Rufina e Maria da Luz Barbosa. Segundo o General Orlando Bar-

bosa, filho do prestigiado historiador local Viriato Barbosa, o seu bisavô Timóteo "era um homem de porte solene, grandes barbas, de génio assomado e cóleras violentas. Detinha o exclusivo camarário do comércio de carnes na Póvoa e era grande frequentador de cafés. Pendurado no seu charuto e coberto por ampla capa espanhola, tinha vida fácil, enquanto seus filhos lhe conduziam os negócios". Abastado comerciante de carnes verdes estendeu aos filhos o negócio, daí que eles, na sua maioria, fossem proprietários de talhos. O pai do próprio Viriato, Manuel Ferreira Barbosa, tinha um talho no prédio n.º 1 da Rua da Junqueira, vizinho da Igreja de São Tiago. Diz-se que no início do século passado, Timóteo Barbosa, na tarde de Quinta-Feira Santa, na companhia dos filhos, tinha por hábito passear o gado para a matança da Páscoa (na sexta-feira) pelas ruas da Póvoa. Os marchantes

começavam por se concentrar na Praça do Almada e daí seguiam em cortejo, no centro da vila. Uns anos mais tarde outros talhantes seguiram o exemplo. Há quem aponte o costume da família Ferreira Barbosa a

gênese do "Passeio dos Bois da Páscoa", que acabou por entrar na tradição da Semana Santa poveira. O primeiro "Passeio dos Bois da Páscoa" a que assisti, com foros de grande cartaz turístico local, realizou-se na Páscoa de 1969. Na presidência do Dr. João Amorim, a Comissão Municipal de Turismo achou por bem chamar a si a organização do desfile imprimindo-lhe o máximo de verdade etnográfica, nomeadamente no que se referia à pureza do traje dos açougueiros, moças-de-soga e tangedores. Segundo o programa, o desfile era sujeito a concurso, e a todos os participantes seriam distribuídas taças e medalhas de prata de acordo com a classificação. A cerimónia dos prémios, estava marcada para o final da tarde frente à Câmara Municipal. Escusado será dizer que os anafados bois para a matança eram

exibidos pelas ruas da Póvoa, parando aqui e acolá, com os proprietários mirando o gado com justificado orgulho e vaidade. A rês mais vistosa e corpulenta era remirada ao pormenor, sujeita aos mais elogiosos comentários da população que enchia as ruas do "desfile". Entre os mirones, muita gente de fora da Póvoa, atraída por um cortejo original e muito rico em cor e movimento. Tal como viria a acontecer no futuro, regedores, presidentes da Junta e povo das freguesias poveiras escolhiam a Junqueira e a Praça do Almada naquela tarde de quinta-feira como ponto de encontro para dois dedos de conversa. A Comissão Municipal de Turismo acertou em cheio ao organizar o renovado "Passeio dos Bois da Páscoa", emprestando-lhe um ar de festa e integrando no cartaz turístico esta invulgar manifestação etnográfica. Para memória futura, na Páscoa de 1969, o

se a classificação final: 1.º prémio (melhor conjunto) – Mário da Silva Antunes: Taça "Comissão Municipal de Turismo" para o proprietário e medalhas de prata para as moças-de-soga e tangedores; 2.º Prémio – Jacinto Pereira Ribeiro: Taça da Câmara e medalhas de prata para os acompanhantes. Atendendo à qualidade dos conjuntos apresentados, o júri deliberou atribuir (extra-concurso) um terceiro prémio *ex-aequo* aos marchantes Manuel Pereira, António Pereira e José Gonçalves Giesteira. Após a entrega de prémios, o desfile prosseguiu pachorrentamente, desta vez a caminho do Matadouro Municipal...

ANOS SEGUINTE

Em 1970, 71 e 1972, o "Passeio" tornou-se um espectáculo de êxito garantido. Agora, na presidência do Dr. Arriscado Amorim, e ao encontro do desejo de lavradores e criadores de gado do concelho, somou-se a "Exposição de Alfaias e Maquinaria Agrícola", na Praça do Almada. Em 1970, uma multidão de curiosos invadiu a Póvoa, não só para apreciar a corpulência dos

bois como a riqueza e pureza dos trajes dos acompanhantes. O êxito do "Passeio dos Bois da Páscoa" ultrapassou os limites do concelho da Póvoa. Neste ano a concentração fez-se no Largo Dr. David Alves, onde se situava a Repartição de Turismo. O cortejo seguiu depois para a Praça do Almada, onde, num palanque defronte à Câmara, o esperava as autoridades e individualidades locais. Aí, igualmente, o gado e os acompanhantes eram sujeitos à apreciação das autoridades civis, militares e religiosas, e do público. Participaram os seguintes talhantes: Leonel Fernandes do Bem, Albino Barroso, Mário da Silva Antunes, Satiro Rosmaninho, Manuel Pereira, Manuel Patrício, Jacinto Ribeiro e João Gonçalves Giesteira. Desta vez, todos os proprietários levaram salvas de prata e os respectivos acompanhantes medalhas.

ÚLTIMO ANO

O último ano (?) do "Passeio" (que me recorde) realizou-se em 1972. Desde manhã cedo que as ruas da Póvoa ganharam animação. Entrou na tradição vir à Póvoa na Quinta-Feira Santa apreciar os "Bois da Páscoa". As freguesias caíram inteiras na Praça do Almada e Rua da Junqueira, na expectativa de apreciarem "com os seus próprios olhos", o gado para a matança. Os lavradores e criadores de gado, em grupos, espalhados pelos restaurantes ou postados nos locais de passagem, comentavam "profissionalmente" a qualidade e peso dos bois. No princípio da tarde começavam os primeiros talhantes a passear o gado, alguns bois com cabeças enfeitadas com ramos de flores, outros com vistosos guizos e campainhas. Moças e tangedores, conduzindo o gado pelas ruas da (então) vila como se tratasse de uma parada etnográfica. Elas de vestidos pretos de roda, rendados, verdadeiras relíquias do tempo de suas avós, enrolando no pescoço pesados cordões de ouro, ou trajes de cores garridas, não menos ricos sob o ponto de vista etnográfico. O gado, parava de quando em vez em alguns apeadeiros combinados, alimentando-se de *rancho melhorado*. Na Praça do Almada, em recinto vedado para o efeito, os participantes detinham-se para que as autoridades apreciassem o porte do gado e a riqueza dos trajes. Nesse ano, sem concurso, desfilaram os seguintes comerciantes de carnes: Joaquim Costa Gomes, José Gonçalves Giesteira & Irmão, Satiro Rosmaninho e Jacinto Pereira Ribeiro, com 8 bois conduzidos por 15 moças-de-soga e cinco tangedores, a mais rica representação em trajes. Terminado, a Câmara ofereceu aos açougueiros taças de prata, e aos acompanhantes, objectos de arte.

Como pormenor saliente-se que o "Passeio", que não foi tão rico em quantidade como nos anos anteriores, foi, no entanto, mais espectacular em qualidade, com a presença de exemplares únicos no Norte do país. De realçar a apresentação de um boi de Satiro Rosmaninho, vencedor dum concurso pecuário em Vila do Conde: tinha 1.300 kgs de peso, dois metros de altura e três metros de comprimento, calculando-se em 60 arrobas de carne limpa.

Suponho que depois da revolução de Abril, em 1974, não mais se realizou o "Passeio dos Bois da Páscoa". Pode ser que um dia, os mais jovens comerciantes de carne "ressuscitem" a tradição ...



Preparativos para o desfile dos "Bois da Páscoa"

Arquivo / José de Azevedo